

# As velhas rotas do caos e as ilusões da prosperidade

Mauro Santayana \*

Por mais imprecisos possam ser, os números divulgados pelo IBGE demonstram que o País dos ricos se torna menor e mais distante do País dos pobres. Não é só isso: apesar dos milhares de informações que os veículos de comunicação difundem todos os dias, cresce também o País dos ignorantes. Essa evidência não é demonstrada pelos números do IBGE, que, ao contrário, falam em diminuição dos iletrados. Não bastam as letras, no entanto, quando elas são tão maltratadas, até mesmo pelos meios de comunicação. Conhecer o alfabeto não significa conhecer as palavras, e conhecer as palavras nem sempre significa entendê-las. A língua passa por uma subversão entristecedora, nestes últimos anos, como se, de repente, caísse sobre nós a sombra de Babel: as palavras trocam de sentido, ao capricho de redatores descuidados. Mas também isso é consequência do mal maior, da absoluta insensatez de certas elites, do desvario alienador de que padecem.



O estudo estatístico comprova também o que a experiência nos mostrou: o Plano Cruzado foi o que melhor serviu à exigência de justiça social no Brasil. Com ele cresceram a renda e a dignidade dos trabalhadores, e muitos deles se aventuraram a criar os seus próprios negócios. O plano fracassou, não pelos seus defeitos — e convém dizer que os havia — mas em consequência de seus acertos. Houvessem o ministro Dilson Funaro e os seus auxiliares sido beneficiados com algumas semanas mais e outro teria sido o resultado do plano. Com toda a compreensão para os problemas do presidente Sarney, faltou-lhe resistência contra os inimigos do programa, muitos deles bem próximos do chefe do governo e mais próximos ainda de banqueiros assustados e recalitrantes.

Alegava-se que o congelamento promovia o mercado negro, e isso foi verdade. Ocorre que, elevado o valor real do salário dos trabalhadores, dispunham eles de dinheiro para procurar a carne, onde houvesse, e, com orgulho, oferecê-la a seus filhos. Dispunham de recursos para tomar a sua cerveja, ainda que uruguaia, em companhia dos amigos e podiam sonhar, pelo menos enquanto se manteve o congelamento, com um tempo realmente novo.

Não foram poucos os sapateiros que começaram a montar suas pequenas fábricas, nem poucas as donas-de-casa que organizaram modestas oficinas de confecção de roupas. Os bancos, no entanto, perderam o seu quinhão, representado pelo *spread* da intermediação entre o Tesouro e os poupadores. Na verdade, eram os únicos que se alegravam na *ciranda* financeira: os outros apenas dançavam.

Como todas as manifestações da realidade social, a justiça pode ser tratada com a razão e com a emoção. Os altruístas, seguidores do mandamento de amor do Cristianismo e de outras religiões, podem amarrar o seu argumento nos esteios emocionais. É indigno do homem viver à custa dos outros, é pecado aos olhos de Deus e indecoroso diante da própria consciência saber que a fome de muitos é contemporânea de nossa gula. Mas há outros e fortes argumentos, e que podem ter alicerce até mesmo no egoísmo. Os argumentos da razão.

A segurança e a paz são aquisições coletivas e, portanto, indivisíveis. Ninguém pode vestir uma armadura de paz e, com ela, atravessar a salvo uma turba enfurecida. A paz só se realiza plenamente onde se divide pelo menos o pão. Se queremos construir uma nação rica, não podemos construí-la com a expansão da pobreza. Em termos mais claros: não existem vendedores onde não há compradores, nem podem prosperar os produtores, se não houver consumidores. O mercado interno nacional, é o que dizem os números do IBGE, está em contração.

Os empresários brasileiros, excetuados alguns, continuam no século 19, e associados a políticos que ainda pensam naquele liberalismo gladstoniano, para o qual só os fortes e os espertos tinham direito à liberdade do lucro, da alegria e da saúde. Para os fracos e inocentes, o lugar era o fundo das minas e os escuros galpões de tecela-

gem. Essa visão do mundo, que exalta o êxito como resultado da virtude, pode ter sido transposta do calvinismo, como se apregoa, mas é hoje ecumênica. Habilmente transmitida à classe média, a televisão se encarregou de esparramá-la pelas favelas e grotões. Como as portas do êxito empresarial não se abrem facilmente, restam as outras, com mais riscos e mais emoção. Eis por que na mesma medida em que se concentra a renda cresce o crime, organizam-se quadrilhas, o *Comando Vermelho* disputa com outros comandos o governo do Rio de Janeiro, e traficantes se dão o luxo de substituir o Estado na proteção aos direitos e à segurança dos cidadãos. É o que vem ocorrendo, com a interferência de criminosos na solução dos seqüestros no Rio. Os bandidos que os cometem, sem a consulta prévia aos chefes reclusos, são muitas vezes compelidos a voltar atrás. É simples: temem mais as organizações criminosas — como a *Falange* — do que o aparelho repressor do Estado, do que a Justiça.

A insensatez se transforma em loucura, como no caso do assassinato de crianças na Baixada Fluminense. Até mesmo juizes, como um de Nova Iguaçu, são acusados de fornecer *carteirinhas* de oficial de justiça a matadores de crianças. Mais de quatrocentas delas, segundo levantamento feito por entidades humanitárias, foram caçadas a bala nas ruas das grandes cidades brasileiras no ano passado. Mais ou menos o mesmo número de *pracinhas* que perdemos nas colinas italianas, durante a Segunda Guerra Mundial. Entre os que abatem crianças em Nova Iguaçu, e os homens do Comando Vermelho, prospera a mesma visão ética do mundo aparentemente legal, em que nos movemos. Os fortes e espertos comandam, os fracos e ingênuos são abatidos. A tiros, em alguns casos. Pela fome, nos acidentes (como os que ceifam os pingentes dos trens suburbanos), nas filas dos hospitais credenciados pelo INPS, nos duelos de botequins, sob o estímulo do álcool, no desespero do suicídio.

É um preço muito alto o que pagam os vencedores na sociedade brasileira de hoje. Durante muito tempo se pensou que com o dinheiro se podia comprar tudo, incluída a liberdade. Hoje se compra o dinheiro com liberdade. O pânico convive com os habitantes dos bairros mais ricos, e os novos olímpicos são cercados de muralhas. O temor aos seqüestros faz com que os grandes se movam em cofres blindados, sob a vigilância de *seguranças*, cada um com a sensação de que leva sua morte às costas, conforme o conhecido verso espanhol.

Não se trata, portanto, de altruísmo, mas de ato inteligente de sobrevivência, a distribuição mais justa da renda. Não há, premente e no horizonte, a ameaça de uma rebelião política organizada. O que se teme não são as guerras civis comandadas por capitães como Mário, Pompeu e Marco Antônio, mas a insurreição desesperada de Spartaacus. Essa rebelião, ajustada às circunstâncias de nosso país e nosso tempo, já começou. Se não houver, e com certa pressa, medida que alivie a situação (como poderia ter sido o Plano Cruzado), estaremos abrindo as rotas do caos.

O mal de parte de nossas elites, com todo o respeito, é a burrice. De parte de nossas elites econômicas, e de parte de nossas elites políticas, umas e outras padecendo da mesma miopia, e associadas no desvario da ostentação e da arrogância. Elas não entendem que só podem garantir o seu patrimônio, se o cercarem de outros patrimônios; que não podem garantir a sobrevivência de suas famílias, senão com a sobrevivência das famílias de seus empregados; que não podem garantir a sua vida, senão com a vida dos outros.

A inflação, sabem os especialistas, deve-se, antes de mais nada, à desigualdade na distribuição da renda. E não será com a contenção administrativa dos salários, enquanto para outros bens de mercado, que não o trabalho, os preços continuam livres, que ela será debelada.

Enfim, os poderosos, estejam no governo ou fora dele, necessitam aprender uma verdade simples: a verdadeira astúcia do capitalismo é a de fazer crescer o número de empreendedores, a de dispersar a riqueza, para fazê-la ainda maior.

\* Jornalista e escritor.